

## SEXTINAS PRA QUANDO A CASA DOS AVÓS SE FECHA

\_\*\_

Quando a casa dos avós está fechada  
antigas lembranças visitam o passado  
numa psicose a procurar alento.  
O rancho é desprovido de abandono,  
tábuas pacientes resistem ao tempo,  
donde cupins saciam a fome calados.

A morada é o retrato dos calados  
na moldura póstuma da porta fechada  
na intensão vaga de registrar o tempo...  
Reduto estável dos avós no passado,  
agora perenizado no abandono  
um vetusto é martírio de alento.

Soledade dos avós serve de alento  
pelas memórias secretas dos calados  
responsáveis por terrível abandono!...  
Quem forjou na história à porta fechada,  
também já escreveu o final do passado  
nas finitas linhas tortas do próprio tempo.

O rancho está se findando pelo tempo  
repontando a saudade como alento...  
Até os antigos fantasmas do passado  
vagam pela tristeza dos dias calados  
na interna solidão da porta fechada  
pelo notório cenário de abandono.

Depois dos avós, o mero abandono,  
um rancho derruído ao seu próprio tempo  
de aparência inabitável, fechada!...  
Habitação rústica, antigo alento,  
arquitetada na precisão dos calados...  
Esses sábios construtores do passado.

Ali, avós criaram filhos no passado...  
Espaço condenado pelo abandono  
na quietude permanente dos calados  
que libertaram suas almas pelo tempo.  
São meros arcanjos a voar por alento,  
batendo asas choram na porta fechada.

Fechada, a porta guarda o passado!...  
Alento inerte, rancho no abandono!...  
Tempo traz ao presente, os avós calados!!!

\_\*\*\_

Sem cheiro de chimia com os aromas...  
Junta odor de mofo na triste solidão  
contrastada entre à cozinha vazia.  
Aranhas fazem teias em harmonia,  
os netos sucumbem pela dor da saudade  
e a mesa com seus lugares, espera.

Neste cenário, é mórbida à espera,  
casa fechada, entre fétidos aromas...  
Da sala, os vagos retratos da saudade  
pelos quadros que presenciam à solidão,  
antigas molduras registram harmonia  
pelo silêncio da dependência vazia.

A mera casa dos avôs está vazia,  
o corredor é paciente na espera,  
antiga passagem de tanta harmonia  
que circulavam ventos, com seus aromas.  
Hoje, os dias resumem à tal solidão  
ao abstrato sucumbir de uma saudade.

Envolto submundo secreto da saudade  
teimando inerte ao se fazer vazia.  
No quarto dos guris habita à solidão,  
sem mais a prole, só apenas espera,  
sombriamente com seus ternos aromas  
presenciam pacientes em harmonia.

O quarto que foi dos avós é harmonia,  
é carregado pela presente saudade  
dos vagos perfumes e antigos aromas.  
Recato de amor nesta casa vazia,  
neste seu estilo rústico de espera  
penalizada essa injusta solidão.

A varanda também divaga à solidão  
após testemunhar anos de harmonia,  
na palidez das cadeiras em espera,  
que convidam pra chimarrear na saudade  
na morbidez da residência vazia  
jujando sextinas de finitos aromas.

Aromas transcendem nessa mera solidão!...  
Vazia, a casa resgata harmonia!...  
Saudade dos avôs!!! um tempo de espera!!!